

A NOVA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹⁴

Ataliba T. de Castilho (USP, Unicamp, CNPq)
ataliba@uol.com.br

APRESENTAÇÃO

Agradeço inicialmente ao Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, na pessoa do Prof. Dr. José Pereira da Silva, pela concessão da Medalha Isidoro Sevilha de destaque em Linguística e Filologia (2009), bem como aos colegas que sufragaram meu nome para esse efeito.

Nesta palestra, (1) menciono brevemente os projetos coletivos de pesquisa lançados a partir dos anos 70, (2) mostro que a abordagem multissistêmica da língua em que venho trabalhando resultou da interpretação dos achados desses projetos, e (3) apresento minha *Nova Gramática do Português Brasileiro*, em que essa abordagem foi testada mais amplamente. Nas conclusões, insisto em que é chegada a hora de os filólogos e linguistas brasileiros produzirem generalizações sobre os achados de seus projetos coletivos, conduzindo a ciência brasileira a um patamar mais alto.

1. A Linguística Brasileira e a condução de projetos coletivos

A comemoração em 2009 dos 40 anos da Associação Brasileira de Linguística e do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo é também um momento para celebrarmos um produto genuinamente brasileiro da Linguística que fazemos: a condução de projetos coletivos, para o enfrentamento dos grandes temas nacionais. Ficamos tão acostumados a isso, que não percebemos quão escassa é essa forma de fazer ciência nos países em que nos abastecemos de teoria!

Não pretendo historiar aqui os projetos desenvolvidos nos últimos 30 anos. Mas vou referir três deles, dos quais participei: (i) o Projeto da Norma Urbana Linguística Culta, iniciado em 1969, (ii) o Projeto de

¹⁴ Este artigo resulta do trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos de 01 a 04 de abril de 2010.

Gramática do Português Falado, iniciado em 1988 e agora em processo de finalização, (iii) o Projeto para a História do Português Brasileiro, iniciado em 1998, e agora em processo de grande expansão.

O Projeto NURC, como todos sabem, introduziu a pesquisa sobre a oralidade na Linguística brasileira, formulando perguntas muito instigantes sobre um objeto que parecia tão banal, a conversação, dotando ademais a comunidade de um extenso corpus, que esse projeto explorou em seus aspectos maiormente pragmáticos.

Mas a pesquisa gramatical tinha ficado de fora naquele projeto. Os instrumentos previstos pelo NURC para esse fim se mostraram insuficientes: Castilho (1990). Surgiu assim, a partir de outras perguntas, o Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF), que atuou por vinte anos e produziu oito volumes de ensaios, muitas dissertações e teses. Estamos agora na fase da consolidação dos resultados, para a qual está prevista outra série, em cinco volumes. Saiu em 2006 vol. 1, organizado por Clélia Jubran e Ingedore Koch, dedicado à construção do texto falado, com 557 páginas. O vol. 2 saiu em 2009, organizado por Rodolfo Ilari e Maria Helena Moura Neves, dedicado às classes de palavras e processos de construção, com 1167 páginas. Em 2009 saiu o vol. 3, organizado por Mary Kato e Milton do Nascimento, sobre a construção da sentença, com 340 páginas. A série será finalizada com os volumes 4 e 5, dedicados respectivamente à construção morfológica e fonológica da palavra.

Será que a enorme produção deste e de outros projetos coletivos está sendo lida criticamente pela comunidade brasileira?

Pergunto isso porque a *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* traz em suas introduções e nas entrelinhas de seus capítulos importantes reflexões teóricas para serem identificadas e trabalhadas.

Peço aos colegas que atentem para o fato de que o Português Brasileiro passou a ser a primeira língua românica, e por enquanto a única, a ter sua modalidade falada culta amplamente descrita. Ultrapassamos os hispano-americanos que nos precederam, e os americanos, franceses e italianos que estudaram a oralidade ao mesmo tempo que nós, sem terem ainda chegado a um trabalho de conjunto.

Mas há outro tema enorme nos esperando, pois precisamos conhecer a história linguística do Português Brasileiro. Para responder a esse desafio, certamente muito mais complexo que o anterior, foi organizado em 1998 o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB),

que se desenvolve hoje em onze regiões do país: São Paulo, onde tudo começou, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina.

Dezenas de pesquisadores aí recrutados trabalham atualmente em cinco áreas: (i) Linguística de corpus, (ii) História social, (iii) Mudança gramatical, (iv) Léxico histórico e (v) Diacronia do texto e das tradições discursivas. Seus resultados saem regularmente na série *Para a História do Português Brasileiro*, atualmente com 7 volumes, nos quais vieram à luz 34 textos de e sobre o corpus diacrônico, 38 estudos sobre a história social, 7 sobre mudança fonológica, 45 sobre a mudança gramatical na perspectiva gerativista, 94 sobre a mudança gramatical na perspectiva variacionista e funcionalista, 43 na nova área da diacronia do texto e das tradições discursivas, e 20 sobre a diacronia do Léxico.

As equipes regionais publicam igualmente seus livros, em número de 25, entre eles os volumes I e II *História do Português Paulista*, série Estudos.

De novo, muito conhecimento está sendo acumulado, à espera da reflexão crítica e teórica dos linguistas brasileiros. Gostaria de lembrar que de algum tempo a esta parte resolvi me lançar o desafio de contribuir para essa reflexão teórica, mesmo não sendo o mais preparado para isso. Repito: mesmo não sendo o mais preparado para isso. Isto nos leva ao segundo ponto desta palestra.

2. A abordagem multissistêmica da língua e os achados do PGPf e o PHPB

Estou convencido que a abordagem multissistêmica do Português Brasileiro é um dos encaminhamentos para essa teorização. Ela procura responder a uma pergunta crucial: qual é o trabalho que os brasileiros vêm desenvolvendo sobre a Língua Portuguesa?

O pontapé inicial para o desenvolvimento dessa abordagem veio das análises que os pesquisadores do Projeto de gramática tinham encomendado ao Milton do Nascimento, por ocasião do IV Seminário desse projeto, realizado em Belo Horizonte. O que se pediu ao Milton foi que no final de cada seminário ele deveria identificar os rumos que a pesquisa vinha tomando. Durante dez anos ele foi nosso guru no campo das generalizações de que precisávamos.

Como sabem, o grupo da gramática não tinha unidade teórica, o que representou um desafio a uma de nossas crenças mais arraigadas, a de que sem uma articulação teórica compartilhada não se avança na análise linguística. Pois esse arrojo se revelou afinal o grande trunfo do grupo. O que parecia uma grossa besteira, juntar pessoas que pensam diferente à volta de um objetivo comum e de um corpus comum, se transformou num sucesso evidente, até prova em contrário. Nosso país tem dessas coisas.

Pois o Milton nos foi mostrando que a gramática que se estava escrevendo focalizava fortemente os processos linguísticos, não se limitando à esperada apresentação de uma lista de produtos, devidamente empalhados e catalogados: Nascimento (1993/2005). Afinal, classificar produtos sempre foi o prato forte das gramáticas descritivas. Mas nós brasileiros nos estávamos caminhando para outra direção.

Ouvindo o Milton, descobri que as velhas afirmações de Humboldt faziam, de repente, um tremendo sentido, quando este linguista dizia que “*la lengua misma no es una obra (érgon) sino una actividad (enérgia)*” (HUMBOLDT, 1990, p. 65).

Comecei, então, a imaginar um modo de estudar a língua que pusesse em relevo os processos, valendo-se dos produtos como um ponto de entrada para seu estudo. Era o caso, também, de tornar claro que a descrição da oralidade estava alterando nossa percepção sobre a linguagem, moldando novos hábitos científicos. Escrevi, assim, o livrinho *Língua falada e ensino do português*, em 1998 (CASTILHO, 2004).

Já na vigência do Projeto para a História do Português Brasileiro, frequentei alguns cursos sobre gramaticalização num dos Institutos de Verão da Sociedade Americana de Linguística. A gramaticalização retrata as palavras e as construções em sua interminável construção e reconstrução, demonstrando que a língua é, de fato, uma tremenda *enérgia*! É por isso que a gramaticalização se tornou a *pièce de résistance* do Funcionalismo.

Mas enquanto lia a bibliografia, fui achando que certas coisas não batiam bem. Em primeiro lugar, ficou claro para mim que a abordagem funcionalista abriga uma crise derivada de seu hesitante ponto de vista sobre a língua, em que se combinam a abordagem clássica, que focaliza os produtos, e uma abordagem ainda pouco clara, em que se focalizam os processos. Mais tarde descobri, com a ajuda de David Lightfoot, que a

ciência dos domínios complexos, também conhecida como teoria do caos, era essa “abordagem pouco clara”, que teimava em permear as páginas dos gramaticalizadores. Eles lidavam o tempo todo com um processo linguístico, mas estavam usando as lentes erradas para focalizar esse fenômeno.

Como uma possível saída para a crise, seria preciso tentar a formulação de uma teoria que entendesse a língua como um sistema complexo e dinâmico, suficiente para enquadrar adequadamente os processos da linguagem, para além da gramaticalização.

Tudo isso desembocou no que tenho denominado a “abordagem multissistêmica da língua”, que implicará numa nova agenda de pesquisas, necessariamente interdisciplinares, pois qualquer fenômeno será estudado a partir de quatro perspectivas: (i) Léxico e lexicalização, (ii) Semântica e semanticização, (iii) Discurso e discursivização, (iv) Gramática e gramaticalização.

Um conjunto articulado de categorias caracteriza cada um desses sistemas. Nenhum deles pode ser postulado como o centro da língua. Nenhum deles determina os outros.

Antes de elaborar essa abordagem, notei que tanto formalistas quanto funcionalistas costumam eleger um sistema central para a língua, o qual, por estipulação teórica, determina os demais sistemas. Na história da Linguística, ocuparam esse trono a Fonética (para os neogramáticos), a Fonologia (para os estruturalistas), a Sintaxe (para os gerativistas) e o Discurso e/ou a Semântica (para os funcionalistas).

Mas por que se tem afirmado que as línguas dispõem de um sistema central? Que percepção epistemológica está por trás dessa postulação? Comecei a pensar que de nada adiantará ficar mudando de cadeira, se continuarmos a dançar conforme a mesma música. E me diverti ao constatar que tanto funcionalistas quanto formalistas frequentam esse mesmo baile! Logo eles, que se acham tão diferentes! Pois não é que as duas tendências compartilham a mesma percepção linearizada da língua, passível de ser acomodada em camadas?

Ora, as descrições sobre a oralidade tinham desmentido fortemente a percepção da língua como uma linha. É verdade que, quando falamos ou escrevemos, o produto é linear. Mas se quisermos identificar os processos que se escondem por trás desses produtos, teremos de abandonar a ideia da língua-linha. Não podemos aceitar que nossa mente funcione

pobrememente através de impulsos sequenciais, lineares, uns depois dos outros, ou uns em cima dos outros, como bois no matadouro.

Esses impulsos são, ao contrário, multilineares, simultâneos. A língua falada documenta a emergência fugaz desses caminhos múltiplos, basta ter olhos que queiram ver. Infelizmente, as propriedades mais legitimamente constitutivas da língua falada têm sido dadas à conta de certa desordem mental, talvez mesmo casos de afasia. Ao etiquetar a língua falada como uma desordem descontrolada, estamos é pondo vendas em nossos olhos.

Muito bem, temos então quatro sistemas, e nenhum deles manda no vizinho. Mas esses sistemas precisam, decerto, de alguma forma de articulação, para que possamos movimentá-los na formulação do pensamento, na expressão dos sentimentos, na busca da ação sobre o outro.

Postulei então um dispositivo sociocognitivo como princípio gestor dos sistemas. Ele é social porque se fundamenta nos princípios da interação conversacional que foram identificados pela Análise da conversação. E é cognitivo porque opera na representação linguística das categorias cognitivas, que vêm sendo identificadas pela Linguística homônima.

Três estratégias movimentam a conversação, que é a atividade linguística básica: a projeção dos turnos, a repetição do que foi dito, o abandono do que estava sendo dito, a que se segue a imediata retomada do turno. Em consequência, a postulação do princípio sociocognitivo deveria ser efetivada a partir de três movimentos mentais simultâneos, a ativação, a reativação e a desativação das categorias lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. Quem diria! A conversação, um exercício tão banal, mas suficientemente forte para hospedar os princípios reitores da língua!

Para a percepção da língua como um multissistema, inspirei-me em autores tais como Humboldt (1836 / 1990), Morris (1938), Franchi (1976), Halliday (1985), Nascimento (1993/2005), buscando sempre interpretar os achados do Projeto NURC, do PGPF, e do PHPB: Castilho (1998 b, d, 2002, 2003 a, b, 2004 a, b, c, d, 2005, 2007, 2009 a). Versões anteriores da proposta se beneficiaram do criticismo construtivo de colegas como Margarida Basílio, Jânia Ramos, Sônia Bastos Borba Costa, Augusto Soares da Silva, e de orientandos de mestrado e doutorado. Algumas aplicações da proposta aparecem em Castilho (1997b-c, 1998 a-c,

2000b, 2003 a-b, 2004 a-c, 2007, 2009 a-b), Barreto (2004), Módolo (2004, 2006), Kewitz (2007, 2009), Simões (2007), Braga (2008), Defendi/Lopomo/Cac-ciaguerra (2009), Santos / Bernardo / Terra / Barroso (2009), Sartin (2009). A concepção do portal www.museudalinguaportuguesa.org tomou igualmente em conta esta proposta. O mesmo ocorreu na montagem da exposição temporária “Menas”, inaugurada semanas atrás.

Mas seria preciso testar a teoria mais amplamente. Enfiei na cabeça que o jeito era interpretar desse ponto de vista os últimos 30 anos da produção linguística brasileira, numa forma estruturada. Escrevi então a *Nova Gramática do Português Brasileiro*, que sai neste mês de abril Editora Contexto, com o apoio da Fapesp. Vejamos como é essa gramática.

3. Apresentação da Nova Gramática do Português Brasileiro

A *Nova Gramática do Português brasileiro* tem a seguinte estrutura:

- Prefácio de Rodolfo Ilari
- Apresentação geral do texto
- Cap. 1 – O que se entende por língua e por gramática
- Cap. 2 – Os sistemas linguísticos
- Cap. 3 – História do Português Brasileiro
- Cap. 4 – Diversidade do Português Brasileiro
- Cap. 5 – A conversação e o texto
- Cap. 6 – Primeira abordagem da sentença
- Cap. 7 – Estrutura funcional da sentença
- Cap. 8 – Minissentença e sentença simples: tipologias
- Cap. 9 – A sentença complexa e sua tipologia
- Cap. 10 – O sintagma verbal
- Cap. 11 – O sintagma nominal

- Cap. 12 – O sintagma adjetival
- Cap. 13 – O sintagma adverbial
- Cap. 14 – O sintagma preposicional
- Cap. 15 – Algumas generalizações sobre a gramática do português brasileiro. A reflexão gramatical.

Adotei o seguinte ritmo na escritura dessa gramática: (i) primeiramente, apresento exemplos colhidos na língua falada e na língua escrita corrente, (ii) depois, identifico aí um fenômeno e apresento a interpretação que lhe vem sendo dada (iii) promovo então sua análise multissistêmica, identificando suas propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais, (iv) para uma verticalização da análise, indico leituras, sequenciadas cronologicamente, (v) formulo novas perguntas, convidando o leitor a continuar a análise.

No geral, os capítulos têm um estilo dialógico, informal, bem humorado, em que debato alternativas de análise e escolho uma, nos termos da teoria adotada. Vou insistindo em que não há uma única forma de entender os fatos da linguagem.

Invertendo o ritmo habitualmente observado em nossas gramáticas, esforcei-me o tempo todo para que se veja em meu livro primeiramente a língua, e depois a gramática. Combato, dessa forma, uma das consequências da excessiva escolarização dessa antiga disciplina. Evitei uma exposição acrítica dos fatos, dando-os como verdades únicas que não admitem contestação. Provoco continuamente o leitor, simulando com ele uma conversa, em que argumentos contrários são lançados à mesa, até que se escolha uma opção de análise. Estou convencido de que a análise gramatical deve ser um exercício crítico, um exercício de cidadania – e não o lugar das verdades acabadas.

As gramáticas não mencionam habitualmente sua orientação epistemológica, que em geral é o das ciências clássicas, nem o ponto de vista que animará as descrições, que representa em geral uma mistura de perspectivas. Como já disse, dei a esta gramática uma orientação teórica própria. Deixei de lado o entendimento da língua como um elenco de signos organizados em unidades hierárquicas, e favoreci o entendimento da língua como um conjunto de operações cognitivas.

Por outro lado, as gramáticas se fundamentam exclusivamente na língua escrita, preferentemente em sua modalidade literária. Incorporei nesta gramática a língua falada, utilizando, no caso da língua escrita, os textos jornalísticos a que qualquer cidadão está exposto. Continuo achando um desaforo fundamentar a descrição gramatical na língua literária. Essa modalidade tem um projeto estético, que a afasta deliberadamente do modo comum de dizer as coisas. A língua literária não é o lugar da linguagem corrente de que se ocupam as gramáticas. Ainda bem!

Ao longo do texto, e sobretudo no capítulo 15, procuro desenvolver nos leitores o gosto pela reflexão e pela pesquisa, libertando-os da dependência da “voz de gramáticos e linguistas”. Esse aqui é um lance meio calvinista, no qual insisto em que entre o leitor e a língua, não é preciso interpor um despachante para a solução das dúvidas e das curiosidades levantadas por ela, seja um despachante-gramático, seja um despachante-linguista. Para atingir esse objetivo, apresento na segunda parte do Cap. 15 a metodologia da pesquisa linguística, listando projetinhos que poderão ser desenvolvidos pelos leitores. O subtítulo desse capítulo é “no dia em que virei linguista-gramático”. Afinal, não é verdade que carregamos a língua em nossa mente?

Nesse capítulo 15, faço igualmente uma leitura onomasiológica dos fenômenos estudados nos capítulos anteriores, demonstrando que eles representam, em sua diversidade enorme e aparentemente caótica, algumas poucas categorias cognitivas, tais como PESSOA, COISA, ESPAÇO e TEMPO, MOVIMENTO, QUALIDADE, QUANTIDADE.

Para que o leitor obtenha maior aproveitamento da obra, providenciei um glossário terminológico, um índice de matéria, e organizei tematicamente as referências bibliográficas.

Sei que produzi uma gramática um tanto paradoxal, dado o que temos entendido habitualmente por essa disciplina. Espero a crítica dos presentes e dos ausentes também.

4. Conclusões

Nesta parte final do texto, não vou me segurar nos tamancos sem confiar aqui aos associados do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos uma forte preocupação sobre a qual tenho falado ultimamente. É o seguinte.

Quando a Linguística foi implantada no Brasil, tivemos de nos preparar numa ciência então nova para o país e nova para nós mesmos. Em apenas três universidades os alunos de Letras podiam estudar Linguística, ali pelos anos cinquenta: Estruturalismo no Rio de Janeiro, com Joaquim Mattoso Câmara Jr., Linguística Histórica românica e indoeuropeia com Theodoro Henrique Maurer Jr. em São Paulo, e Linguística ameríndia com Mansur Guérios em Curitiba.

De um jeito ou de outro, cada um precisou formar sua cultura linguística por conta própria, lendo manuais de introdução e sistematizando suas leituras. Os primeiros seminários de nossas associações científicas refletem isso claramente.

Mas também era necessário desenvolver pesquisas próprias. A receita encontrada para isso foi agarrar algum linguista americano ou europeu pouco conhecido, ler sua obra, traduzi-la para o português, fazer pesquisas a partir das ideias ali colhidas, orientar alunos, e apresentar-se nos congressos como uma espécie de representante tropical da figura. Foi divertido constatar, em alguns casos, a perda de identidade por parte desses representantes. Eles recheavam seus textos de termos técnicos não traduzidos, seja para não traír o divino mestre, seja por esnobismo mesmo. Por exemplo, quando falavam em *sistema*, botavam *system*, *systeme*, entre parênteses...

Até dava para entender esse tipo de caçada, afinal, precisávamos produzir conhecimento linguístico sobre o Brasil. País multilíngue, pouco sabíamos sobre as línguas indígenas e sobre o português brasileiro – para o qual ainda não tinha sido cunhada a sigla PB. O caminho era esse. Tudo bem, estávamos engatinhando mesmo.

Acontece que, muitos esforços e seminários depois, dispomos hoje de um conhecimento notável sobre esses campos, mesmo havendo ainda muito o que fazer. Chegou a hora de elaborar teorias com base nessa empiria toda. Ninguém ignora que as generalizações de que as teorias são feitas dependem crucialmente de um bom repertório, ou seja, das descrições e da história das línguas naturais.

Penso que a atual geração deveria conduzir a Linguística brasileira à sua maioridade, desenvolvendo reflexões teóricas, mantendo a interação com os centros mundiais, mas estabelecendo com eles duas mãos de direção.

Infelizmente, esse é um objetivo ainda timidamente tentado em

nossa academia. Basta acompanhar as comunicações em nossos congressos e ler o que vem saindo nas revistas especializadas. Singularmente, o antigo movimento *agarre seu linguista estrangeiro* continua à toda. Pior, uma enorme desconfiança cerca os que ousam pensar por conta própria. Somos *dimenor*, não podemos.

Continuamos, com isso, aferrados a uma prática de que não poderíamos escapar quarenta anos atrás, mas que não mais se justifica nos dias de hoje. Notei claramente essa dependência, hoje extemporânea, ao relacionar cronologicamente em minha gramática a bibliografia gerada pelos fenômenos sob análise. Primeiro, vem um americano ou europeu. Depois, os brasileiros. Raramente se lança por aqui uma ideia nova, suficientemente forte para articular projetos e motivar novas pesquisas. E quando isso acontece, silêncio!

A consequência perversa desse comportamento é que a enorme produção científica brasileira não tem sido lida, não tem sido avaliada, não tem sido criticada. Basta passar os olhos pela seção das resenhas, em nossas revistas, para ver o que está rolando. Continuamos importando...

Deixo claro que fiquei velho, mas não xenófobo. Passei dez por cento de minha vida profissional estudando no exterior. Aprendi que nosso padrão, o Sr. Universitas, fez de nós uma raça desterritorializada. Não há lugar para nacionalismos no comportamento científico.

Reconheço que a convivência com mestres norte-americanos e europeus foi de grande valia em meus trabalhos. Mas sempre me recusei a virar apóstolo de quem quer que fosse. Nunca achei que espírito de gente colonizada tivesse interesse para a construção da ciência brasileira. Intercâmbio, sim. Subserviência, não.

Quando chegarmos lá, todo o enorme esforço das diretorias e dos membros de nossas associações científicas terão feito sentido. Espero que essas associações encontrem os meios para estimular os associados à busca de miradas teóricas próprias.

Muito obrigado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Therezinha Maria Mello. Esboço de estudo multissistêmico do item conjuncional ‘conforme’. In: COSTA, Sônia Bastos Borba; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004, p. 13-30.

BRAGA, Henrique Santos. *Desaparecimento da flexão verbal como marca de tratamento no modo imperativo. Um caso de variação e mudança no Português Brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2008.

CASTILHO, Ataliba T. de. Quinze anos de Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo. *Estudos Linguísticos*, v. 9, p. 10-20, 1984.

_____. O papel do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, de 1969 a 1971. *Estudos Linguísticos* 18: 14-20, 1989.

_____. O português culto falado no Brasil: história do Projeto NURC. Em: Dino Preti e Hudinilson Urbano (Orgs. 1990). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: TAQ/Fapesp, vol. IV, Estudos, 1990, p. 141-202.

_____. Língua falada e gramaticalização: o caso de *mas*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 1, 1997, p. 107-120, 1997b

_____. Para uma sintaxe da repetição. Língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura*, v. 22, p. 293-332 (Universidade de São Paulo). Uma versão preliminar [Castilho 2000c] apareceu como: A repetição como processo constitutivo da gramática do português falado. In: PADILLA, José Antonio Samper; DÉNIZ, Magnolia Troya (Orgs.). *Actas del XI Congreso de la Asociación de Linguística y Filología de la América Latina*. Las Palmas: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, tomo III, p. 2289-2298, 1997c.

_____. *A língua falada no ensino de português*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Langue parlée et processus grammaticaux. Em: BILGER, M.; EYNDE, K. van den; GADET, F. (Eds.). *Analyse linguistique et approches de l'oral*. Recueil d'études offert en hommage à Claire Blanche-Benveniste. Paris/Leuven: Peeters, 1998 b, p. 141-148.

_____. Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. In: BERNALES, Mario; CONTRERAS, Constantino (Orgs.) *Por los caminos del lenguaje*. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera, 1998c, p. 23-37.

_____. 30 anos do GEL – novos compromissos científicos. *Estudos Linguísticos*, n. 29, p. 7-15, 2000 a.

_____. O modalizador ‘realmente’ no português falado. *Alfa*, n. 44, 2000, p. 147-170, 2000 b. (Miscelânea de Estudos Dedicados a Francisco da Silva Borba).

_____. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In: RAMOS, Jânia; ALCKMIM, Mônica (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*, vol. V: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003a.

_____. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. Em: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs. 2006). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EdUFba, vol. VI, tomo 1, p. 223-296, 2003 b.

_____. Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In: NEGRI, Lígia et alii (Org.). *Sentido e significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004a, p. 11-47.

_____. Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL* n. 1, 2004, p. 35-48, 2004b.

_____. Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre gramaticalização no contexto do PHPB. In: DIETRICH, Wolf; NOLL, Volker. (Orgs.). *O português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2004c, p. 203-230.

_____. Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova linguística histórica. In: CASTILHO, A. T. de; MORAIS, M. A. Torres; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Homenagem a Mary A. Kato*. Campinas: Pontes / Fapesp, 2007, p. 329-360.

_____. An approach to language as a complex system. In: CASTILHO,

A. T. de (Org.). 2009a., p. 119-136.

_____. Para uma análise multissistêmica das preposições. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). 2009b, p. 279-332.

_____. (Org.). *História do português paulista*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 2009.

_____; PRETI, Dino; RISSO, Mercedes S.; ABAURRE, Maria Bernardete M. GEL, novos caminhos. *Estudos Linguísticos*, n. 24, p. 19-35, 1995.

DEFENDI, Cristina L.; SPAZIANI, Lidia; CACCIAGUERRA, Vanessa; VICENTE, Renata Barbosa. Análise multissistêmica das palavras *atrás, fora, onde, afinal*. In: CASTILHO, A. T. de. (Org.). 2009, p. 359-382.

FRANCHI, Carlos. *Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado, 2 vols., 1976. mimeo.

HALLIDAY, Mark Alexander Kirkwood. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la Humanidad*. Tradução de Ana Agud. Barcelona / Madrid: Anthropos / Ministerio de Educación y Ciencia, 1836/1990.

KEWITZ, Verena. *Gramaticalização e semanticização das preposições a e para no português brasileiro (sécs. XIX a XX)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutorado, 2007.

_____. Gramaticalização, semanticização e discursivização das preposições **a** e **para** no português brasileiro (sécs. XIX a XX). In: CASTILHO, A. T. de (Org.). 2009, p. 603-736.

MÓDOLO, Marcelo. *Gramaticalização das conjunções correlativas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. Tese de doutorado.

_____. A estrutura correlativa alternativa ‘quer... quer’ de uma perspectiva multissistêmica. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Republicado em CASTILHO, A. T. de (Org.). 2009, p. 465-478.

MORRIS, Charles W. *Foundations of the Theory of Signs*. Chicago: The University of Chicago Press. Tradução para o português de Milton José Pinto: *Fundamentos da Teoria dos Signos*. Rio de Janeiro / São Paulo: Eldorado Tijuca / Universidade de São Paulo, 1938.

NASCIMENTO, Milton. Gramática do Português Falado: articulação teórica. Conferência lida no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Publicado em A. Zilles (Org. 2005). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993/2005, p. 93-116.

SANTOS, Elaine Cristina; BERNARDO, Kelly Viviane; TERRA, Luciana; BARROSO, Paulo. Análise multissistêmica dos verbos *buscar, esperar, querer, vir*. In: CASTILHO, A. T. de (Org.). 2009, p. 383-398.

SARTIN, Elisângela B. de Godoy. Análise multissistêmica de orações complexas: estruturas *para* + infinitivo no português culto. In: CASTILHO, A. T. de (Org.), 2009, p. 399-404.

SIMÕES, José da Silva. *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. Tese de doutorado.